

O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII

Florianópolis, Setembro de 1949

N. 7

Marianos célebres

26. S. João de Brébeuf

Em 1066, Guilherme o Conquistador reuniu seus nobres normanos nas praias da Normândia para atravessar o Canal e tomar posse das ilhas britânicas.

Não bem 600 anos mais tarde, no dia 24 de Abril de 1625, um descendente dos companheiros de Guilherme estava no porto de Dieppe, aguardando a partida de um veleiro. Ia também fazer conquistas. Ia iniciar a travessia do Atlântico em busca de triunfos, de vitórias e de glória.

Este jovem em cujas veias pulsava o sangue dos conquistadores, era João de Brébeuf.

Nasceu aos 25 de Março de 1593, em Conde-sur-Vire, perto de Lisieux. Quando, aos 8 de Novembro de 1617, bateu à porta do noviciado da Companhia de Jesus, o jovem filho de Maria, de figura atlética, já tinha estudado filosofia e teologia moral. Não obstante, em sua humildade pediu para ser admitido como simples Irmão coadjutor. Mas os superiores mandaram-no completar os estudos necessários para o sacerdócio. No dia de seu aniversário de 1623, recebeu a ordenação sacerdotal.

Mas os anos que precederam este ato solene exgotaram-lhe as forças. Incapaz de esforços maiores, teve que contentar-se com ofícios leves e humildes. E ele tanto desejava ir para a Nova-França (Canadá) afim de conquistar os peles-vermelhas para Cristo! Sonhos, e nada mais. Quem queria ter sob seu comando a um doente que mal podia arrastar-se?

Contudo, já dois anos depois da ordenação, o P. João de Brébeuf estava restabelecido. E agora começou para ele uma vida cheia de atividades, tão cheia que apenas podemos esboçar-lhe os traços principais

Chegado ao país de seus sonhos, embrenhou-se nas matas com o povo dos Algonquins para estudar Língua e costumes dos selvagens. Ao depois fundou uma estação missionária entre os Hurões. Quando, em 1628, voltou a Quebec, por ordem do superior da Missão, encontrou a cidade sitiada pelos ingleses. No ano seguinte, os missionários tiveram que voltar à França, pois os novos senhores do Canadá, os britânicos, não queriam saber de sacerdotes "papistas". Richelieu, porém, conseguiu, em 1632, que a colônia voltasse para a coroa francesa. E já no ano seguinte o P. Brébeuf pôde rever sua querida missão.

Seguiram agora 16 anos de intenso e duro labor entre os Hurões. A vida cristã em breve fazia madurecer os frutos mais sazonados da santidade, e tudo prometia colheita mais abundante de almas.

Mas eis que de novo rebentou a guerra entre a França e a Inglaterra. Ambas as partes aproveitaram-se dos índios para seus fins políticos. Durante anos e anos, os selvagens Iroqueses fizeram suas incursões no território dos Hurões. Finalmente, conseguiram destruir as florescentes aldeias dos cristãos.

Seu chefe, o P. João de Brébeuf, teve que sofrer um martírio horrendo às mãos dos inimigos de seu povo. Junto com seu jovem coadjutor P. Gabriel Lalemant, foi preso pelos Iroqueses, aos 16 de Março de 1649. E no mesmo dia recebeu a coroa dos mártires.

O mariano João de Brébeuf não somente é venerado como santo da Igreja, mas o Canadá e os Estados Unidos da América do Norte honram-no como herói nacional.



NOSSA SENHORA NA COREA
Obra do jovem artista coreano Unjung Pal

ESCOLA DE GUERRA (XXXVII)

Título Nono — Da mútua comunicação entre as Congregações Marianas.

66. "Para mais fácil e seguramente se conseguiram os fins próprios ou de cada Congregação Mariana, ou de muitas da mesma classe, ou ainda de todas elas, são de muito louvor os Congressos das Congregações Marianas, em que tomam parte ou os Directores ou os Congregados, sobretudo os de uma região especial. (1) Estes Congressos devem dirigir as suas deliberações e todo o seu aparato ao proveito das almas e à sólida piedade, de modo que as despesas se não façam só para o esplendor da festa, mas tudo se encaminhe a se alcançarem resultados práticos e permanentes. (2)

Comentários: (1) Cada região tem os seus problemas particulares. Num Congresso oferece-se a possibilidade de estudar tais problemas com maior facilidade; pois serão expostos sob diferentes pontos de vista. E assim será mais fácil encontrar a solução deles. Os congressos abrem novos horizontes; mostram como outras CC. MM. trabalham, aproximam seus membros uns aos outros e tornam os congregados concios de sua força. — (2)

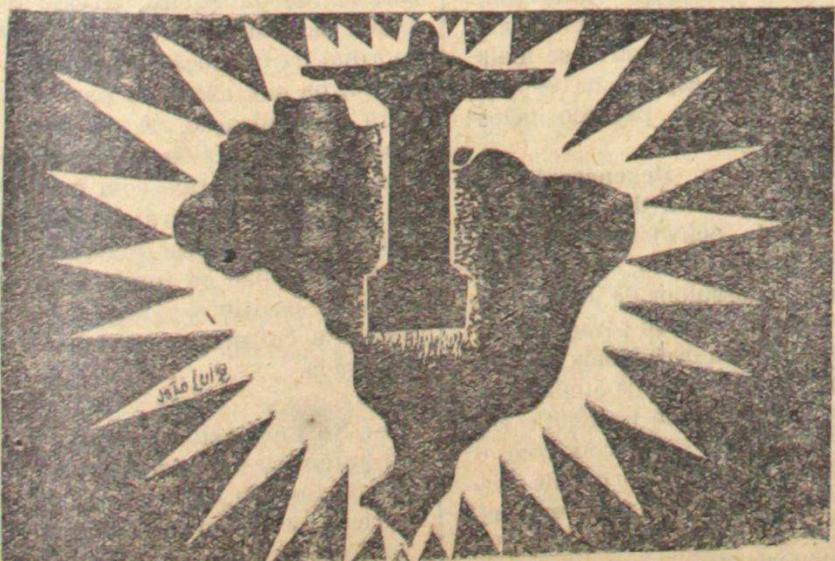
Ha sempre o perigo de acentuar em demasia o esplendor externo. Este perigo é conjurado por meio de uma preparação sólida que, aliás unicamente garante resultados práticos e, sobretudo, permanentes.

67. "Também é digno de louvor o uso de publicar e ler as revistas que são órgãos das Congregações e tratam de suas cousas, fomentando nos que as lêem o seu bom espirito." (1)

Comentário: (1) Em primeiro lugar deve ser lido o órgão da Confederação Nacional, a "Estrela do Mar", que além de artigos de formação, traz um vasto noticiário sobre as atividades das CC MM. no Brasil e no mundo.

68. "Concorre igualmente para a maior glória de Deus e honra da Virgem SS. nossa Mãe, que, onde for possível, as Congregações da mesma classe e da mesma região formem entre si uma confederação permanente, organizando uma espécie de Conselho comum." (1)

Comentário: (1) As confederações oferecem, além de outras vantagens, a possibilidade de executar as resoluções dos Congressos e de coordenar sua participação na Ação Católica.



ELE protege a nossa Independência



— Apesar da forte pressão dos nazistas, Franco abriu as fronteiras da Espanha aos judeus fugitivos e nunca se deixava mover a decretar lei alguma de discriminação racial. Tratando-se de receber alguns milhares de crianças judias, "a Espanha oferecera instalações modelares para as acomodar, garantindo-lhes liberdade confessional, com a direção e presença daqueles doutores de sua fé que quisessem acompanhá-las"... "Intrigas internacionais não permitiram isto, com grave prejuízo para tantos seres desditosos". i. é, a realização deste projeto. — Agora, governo espanhol ofereceu a cidadania espanhola aos sefarditas (i. é, aos judeus que, em tempos idos, abandonaram a Espanha), ordenando aos cônsules que com amplas facilidades outorgassem esta cidadania a quantos acatassem as leis da Espanha.

— Junto com os representantes dos demais aliados sentaram-se os russos nos tribunais de Nuremberg, condenando, indignados, os carrascos de Dachau e Buchenwald e outros campos de concentração — Mas os mesmos juizes de ontem mantêm, hoje, mais e maiores campos de concentração na Alemanha. Ressurgiram os de Buchenwald, Sachsenhausen, Dachau, nos quais se acham 250.000 a 300.000 vítimas da sanha vermelha.

(Revista Javerina — Bogotá, Colômbia)

— As CC MM Austrália, para corresponder aos desejos de Nossa Senhora da Fátima, resolveram recolher as assinaturas daqueles que

prometerem de rezar, durante toda a vida, diariamente o Terço. Já se encheram dois grandes volumes com assinaturas. Os encarregados desses registros, no Secretariado Nacional das CC MM, dizem que mal podem dar conta do trabalho, que tantas são as cartas e assinaturas que cada dia chegam.

— Também os Protestantes querem ser Congregados. — Na Academia Militar "Nazareth Hall", nos Estados Unidos da América, frequentada por católicos e protestantes, foram, há poucos meses, quase todos os alunos católicos admitidos na CM. Os rapazes protestantes ficaram sentidos por se verem excluídos da CM. Por isso, formaram uma associação à qual deram o nome de "Cavaleiros de Maria", esforçando-se por todos os modos e meios de manifestar seu amor à Nossa Senhora. Excogitaram uma fórmula de Comunhão Espiritual que rezam em voz baixa, quando seus colegas vão à Mesa Eucarística. Os congregados que consideram esta associação como rebento de sua CM, alegram-se muito com o fervor destes "Cavaleiros de Maria" protestantes

(Acies Ordinata — Roma)

— O Santo Padre publicou uma encíclica "reemptoris nostri", na qual exige que Jerusalém e os arredores recebam um regime baseado no direito internacional. Desta forma os santos lugares, onde Nosso Senhor viveu e morreu, receberiam a proteção necessária.

(Schweiz. Kath. Sonntagsblatt — Wil, Suíça).



9 de Agosto — Olavo, tu és, neste ano, o segundo candidato que foge da Secção dos Maiores para — o Internato.

10 de Agosto — O Galete falou com entusiasmo sobre sua te: natal, São Joaquim da Costa da Serra, mas em bairrismo.

13 de Agosto — O Max surpreendeu os da Secção dos Maiores com um pequeno recital ao piano. Mas o prêmio do dia coube ao Sidney: uma gravata.

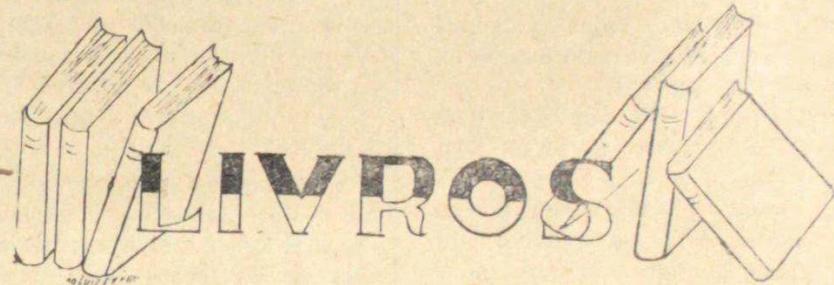
14 de Agosto — As CC MM do Colégio Catarinense começam hoje os seis Domingos de São Luiz, sendo acompanhadas por muitos alunos que não fazem parte da C. M.

14 de Agosto — A Diretoria da

C. M. dos Internos reúne-se. Mas faltam o Geraldo e o B. B. Vão buscá-los. Com a cara mais inocente, sai-se o B. B. com esta desculpa: "Pensávamos que o P. Diretor estava cansado do passeio à chácara."

20 de Agosto — Um candidato (interno) foi ouvido a monologar: "Eu sou um ótimo candidato; o que tenho, é azar. Já entrei 8 vezes em eleição e nunca recebi a fita azul... Em outubro talvez tenha sorte, pois, parece-me que sou candidato único." (Não sei se esta circunstância tem grande peso).

23 de Agosto — O Flávio foi nomeado Apontador e nem a dor de dente pode impedir que logo queira estudar sua lista.



Eu Fui Chefe da Polícia de Mussolini, por Carmine Senise; Instituto Progresso Editorial, S. A., 1947. — Já temos um bom número destes "Eu Fui...", muitos deles com lances dramáticos e revelações mais ou menos sensacionais. O livro presente distingue-se de outros da categoria mencionada por um estilo muito simples e sóbrio. Tem-se a impressão de ver diante de si o verdadeiro tipo do funcionário que conhece só uma paixão: a de cumprir meticulosamente suas funções. Por isso falta-lhe a ambição de tomar parte ativa na política. Esta atitude foi, por certo, o que salvou a Senise. Aliás, deve-se convir que tal atitude foi possível só na Itália; nazistas e comunistas não admitiriam como chefe da polícia a um homem que não fosse membro do partido. Interessante é também o que o autor diz sobre a resistência de altas personagens contra a entrada na guerra. Confirma, p. ex., o que o conde Ciano escreveu a Winston Churchill, enquanto esperava sua execução, em Verona. Talvez, houvesse mais funcionários da espécie de Senise, a Itália não teria passado pelos horrores da guerra.

Decadência e Regeneração da Cultura (Filosofia da Cultura), por Albert Schweitzer; Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948. — O autor, possuidor de uma vasta cultura da mente e do coração, analisou as causas da decadência da Cultura: problema que hoje ainda mais está em foco do que no tempo em que Schweitzer começou com o estudo da questão. Torna ele responsável pelo grande mal, em primeiro lugar, a filosofia falsa, a filosofia materialista. Em vez de guiar

os homens, esta filosofia torna-se escrava de espírito mundano, contribuindo a que os homens se perdessem numa atividade febril que visa sómente a vida material e não mais achassem tempo e vontade para refletir sobre os valores verdadeiros. O autor mostra como as melhores ideias foram desvirtuadas como, p. ex., o patriotismo que se transfigura em nacionalismo, que é "um patriotismo impróprio, extremado, lavado ao absurdo, ao qual se prende também a catástrofe externa de nossa vida em que a decadência da cultura repousa." — Agora, expondo suas idéias sobre regeneração da cultura, deixa o autor, infelizmente, de apontar claramente o papel preponderante da religião que nos revela a verdadeira concepção do mundo. Abstraindo da religião, também não desvenda as causas mais profundas da decadência da cultura. Talvez, que em anos posteriores, quando ele se dedicou aos seus enfermos nas selvas da África, tivesse tido maior clareza sobre este factor primordial na formação do género humano, na sua ascensão para a cultura e civilização. É de admitir que ele, como teólogo (protestante) não tivesse insistido com mais força no factor cultural da religião. Pois com uma moral qualquer, uma moral que não se fundamenta em dogmas positivos, nunca poderá salvar a cultura, muito menos regenerá-la.

— No Continente Negro, há verdadeira autêntica das viagens e aventuras do famoso reporter Stanley na África, foi há pouco publicada pelas Edições Melhoramentos, segundo a versão de Rudolf Egger.



Na Missa solene, segue agora a segunda incensação. Se a primeira teve por fim de preparar o altar de um modo especial para o santo sacrifício, esta segunda refere-se, principalmente, às oblatas. Por isto, é muito mais rica em cerimônias exteriores e simbolismo profundo.

O celebrante benze o incenso, transformando-o dest'arte num sacramental.

Depois, incensa a hóstia e o vinho a serem consagrados. As leves nuvens de incenso significam as orações que, do altar e dos corações, se elevam ao trono de Deus; os grãos de incenso que se consomem no turíbulo, relembram-nos a prontidão para o sacrifício de nós mesmos no cumprimento da vontade

de Senhor; a fragrância fala-nos do agrado com que o Pai celeste olha o sacrifício de seu Filho.

Segue-se a incensação do altar, do celebrante e dos ministros como do povo, simbolizando a união de espírito e a dignidade do povo de Deus. Ao mesmo tempo quer a Igreja lembrar-nos com esta cerimônia que a graça do sacrifício nos vem através dos sacerdotes e seu ministério.

Como são belas as cerimônias da Igreja, quão profunda sua significação. Cada uma delas é uma apologia, da presença real de Jesus na Eucaristia. Cada uma delas atesta a fé inabalável da Igreja na palavra do Mestre: "Este é Meu Corpo".

É ESCRUPULOSO?

Uma entrevista com o R. P. Francis J. O'Boyle, S. J.

Por Daniel A. Lord, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

"Bem," perguntei um tanto mistificado, "que podemos então fazer com isto?"

"Justamente esperar que lhes tornemos claro que fundamentalmente todos os escrúpulos são um mesmo. E prova-lo-ei."

O Lado Físico. Mas antes que ele pudesse fazer isto, eu mudei o assunto de leve.

"Qual a causa dos escrúpulos?" interoguei.

"Ninguém realmente o sabe," retrucou. "E a Ciência Médica quasi nada descobriu a respeito. Um pouco de coisas entretanto sabemos. Moços podem ter recebido uma instrução incorreta. Pode ser que lhes foi dito ou julgam que lhes foi dito que deixar de rezar pela manhã e a noite é pecado mortal. Podem ter ouvido que é pecado mortal dizer 'Desgraçado'."

"Um homem que me consultou pensava ser anormal porque imagens impuras povoavam sua mente. Ouvira que pensamentos impuros eram pecaminosos. Ninguém lhe tinha explicado que pensamentos impuros são pecaminosos somente quando desejados, apreciados e deliberadamente mantidos. Quando lhe explicava tal, foi como se lhe caísse um peso dos ombros. Começava sua vida com instruções falsas."

Esgotado. "Escrúpulos muitas vezes são um sinal de esgotamento físico ou nervoso. Surgem os escrúpulos muitas vezes quando a resistência física está enfraquecida por doença, trabalho demasiado ou um colapso nervoso. Um médico ou um especialista em doenças nervosas tem que tratar tais casos. A pessoa que sofre de escrúpulos e sabe que não está bem de saúde, faria bem em consultar a um conhecido e competente médico católico."

Os escrúpulos, às vezes, atacam pessoas que, por algum tempo, viviam sós e pensavam demais em si mesmos. Se alguém começa a cavar no passado, pode estar quase certo de ter dificuldades. Demasiada introspecção, exagerados e inúteis exames de si mesmo podem facilmente levar a escrúpulos. Uma vida sadia e normal com uma justa medida de contacto com outras pessoas é um excelente preventivo de escrúpulos.

"Há, sinto dizê-lo, uns livros espirituais bem mal escritos que contribuíram para a existência de escrúpulos. Estes livros dirão, por exemplo, que uma pessoa pode cometer pecado sem o saber. Os autores assumem um aspecto assustado, quando declaram que um homem não pode saber se é digno de amor ou de ódio. Insistem no pecado e no mal e omitem o amor, a piedade e o perdão de Deus. Pessoas que mesmo pouco estão inclinadas a escrúpulos, não devem ler tais livros. Estes livros são, realmente más até para os que não sofrem de escrúpulos."

Inteligência x Vontade. Como o P. O'Boyle hesitasse por um momento, eu lhe perguntei sobre a natureza daqueles elementos que

tornam todos os escrúpulos bastante semelhantes. Eu estava interessado nesta fase. Sentí que era ponto importante aos que tratam com escrúpulos.

"O primeiro elemento a ser considerado em casos de escrúpulos," disse o P. O'Boyle, "é que o escrúpulo simplesmente não pode distinguir entre seu pensamento e sua vontade. Vou lhe mostrar o que quero dizer."

"O pensar não é livre. A vontade é livre. Alguém me diz: 'Dois mais dois são quatro', e querendo ou não, tenho que concordar. Mas alguém me diz: 'Vamos lá na esquina roubar o Banco'. Estou livre de dizer sim ou não; a escolha compete inteiramente a mim."

"O que vale das coisas que me são ditas, vale igualmente dos meus pensamentos, da minha vista, do meu ouvido, da minha imaginação. Acontece que estou olhando pela vitrina e vejo uma exposição de quadros indecentes. Nada no mundo pode impedir que eu veja estes quadros, e nada no mundo pode impedir que minha imaginação registre o aspecto de tais pinturas. Um homem que está comigo faz uma observação sua. Nada pode impedir que eu a ouça. Meus pensamentos não são livres. Meus olhos, ouvidos, e imaginação devem reagir a impulsos externos."

"Mas minha vontade é livre. O aspecto das figuras indecentes registrou-se na minha mente. Isso é pecado? Certamente não. Não é mais pecado que se esses quadros indecentes fossem refletidos num espelho."

O olho registra imagens na fantasia porque esta é a função do órgão visual; um espelho reflete objetos porque esta é a sua função. Nenhum dos dois casos inclui pecado. Nem é pecado para a minha mente registrar a baixa e suja observação trazida a ela pelos ouvidos. Eu não mereço mais censura do que um disco de cera do ditafone a merece pelos ditos nele gravados. O disco não comete pecado. Nem meu ouvido, nem a mente."

"Mas agora entra a minha vontade. Ela pode dizer: 'Eu gosto destas figuras indecentes. Vou-me plantar aqui e gozá-las e entregarme às emoções provocadas.' Ou minha vontade pode dizer: 'Embora me sinta poderosamente atraído por estes quadros, sei que é mal continuar a vê-los, e vou-me embora'. No primeiro caso estou consentindo no pecado. No segundo, fiz da tentação uma ocasião para virtude e, longe de cometer pecado, estou ganhando méritos para o céu."

O Que Aconteceu Depois? "O que eu vi, a reação do meu olho ao que vi, e a reação do meu cérebro — estas coisas em si mesmas não foram nem pecaminosas e nem inocentes. Foram automáticas sem liberdade. A ação de minha vontade depois destes processos automáticos foi o que decidia."

"Esta mesma distinção vale com respeito a pensamentos que entram na mente."

Não tenho nenhuma responsabilidade real por suas idas e voltas.

"Estou sentado num automóvel olhando pela janela. De repente noto que minha mente está povoada de imagens indecentes. É pecaminoso? Não mais pecaminoso do que tivesse espirrado porque uma partícula de poeira tinha voado dentro do carro e no meu nariz. Não sou responsável pelos pensamentos que se insinuam no meu cérebro, como não teria sido responsável pela entrada da poeira no carro."

"Alguém me fez uma injustiça. De repente noto que estou pensando: 'Gostaria de matá-lo.' É isto pecado? Ainda não. É simplesmente um pensamento que me veio sem que eu o desejasse. Não é mais pecado do que um resfriado que me ataca a cabeça."

"Ouço a um homem dizer: 'Não creio em Deus, ou' A Igreja Católica é uma instituição má.' Esta afirmação registra-se. Estou culpado de heresia? Não mais do que um ditafone seria se alguém pronunciasse esta frase diante dele. Não procurei aquele pensamento; veio automaticamente. O fato de eu ter ouvido a afirmação e até reagido, de forma alguma constitui pecado."

Distingue! "Encontrei caso após caso onde uma pessoa é escrúpulosa porque não distingue entre o pensamento que não é livre, e a vontade que o é. Julga que pecou por ter visto, ouvido, ou pensado algo obscuro. O caso é que o pecado somente é possível quando a vontade se inclina a este algo e diz: 'Gosto disto, vou me demorar neste.'"

"Esta condição de vontade está jamais presente nas pessoas escrúpulosas? Nunca! É por isto que as coisas a respeito das quais tem escrúpulos, nunca são pecaminosas para elas."

"Mas, protestei, 'esta gente não está certa que não consentiu na vista, no ouvir ou no pensar. Talvez o pensamento fosse muito atraente. Talvez gostasse mesmo dele. Talvez causasse uma reação agradável. Então vem a confusão e os trabalhos. Não sabe se consentiu ao pensamento ou não. E se consentisse, seria como vê, um pecado sério.'"

O P. O'Boyle riu.

Não Há Certeza? Nenhum consentimento. "Realmente se devia rir daquilo que é uma tal tragédia para pessoas bem intencionadas; mas na realidade, a resposta é tremendamente simples: Se V. não está certo do seu consentimento, não consentiu."

"Em tudo, menos nos escrúpulos esta distinção é notada facilmente," continuou. "Um homem está aí enquanto se comete um assassinio. Acredite-me, ele não tem a menor dúvida sobre se consentiu ou não neste assassinio. O Sr. é o acusado num processo; trazem um contrato ao tribunal. 'O Sr. consentiu neste contrato?' pergunta-lhe o juiz. O Sr. está certo, apostou, se não consentiu. Um moço distinto pede a mão dum moço. Ela não dá voltas perguntando-se: 'Disse sim ou disse não?' Está certa que ou regeitou o moço ou o aceitou. Se ela o mandou embora, como talvez tivesse feito, ela sabe que não o aceitou. É também isto o que o moço sabe. (Continua na página seguinte)

MISSÃO FRACASSADA

(Tradução)

Cansados e bocejando os rapazes passaram em fila pelo prefeito, à porta do dormitório. Ele mexeu nos profundos bolsos de sua batina, tirou de lá o terço, emaranhado num molho de chaves, e começou a desembranhá-lo. Últimamente acostumou-se franzir a testa e seus nervos estavam mostrando sinais de tensão. Os alunos tornavam-se cada vez mais irriquietos à medida que os dias das provas parciais passavam. A pressão do estudo da última hora e do trabalho forçado parecia estimulá-los e inspirá-los mais do que a normal traquinice. Observando os rostos que desfilavam diante dele, descobriu um olhar brilhante aqui e acolá e advinhou intuitivamente que alguma coisa se preparava.

Para dizer a verdade, alguma coisa estava se passando durante a última semana — um incidente de algum modo trivial, mas mesmo assim, incidente humilhante para ele. Cada noite ele concebia planos para pegar o perturbador, mas os seus melhores conhecimentos de detetive falharam. Meses atrás, ele tinha alcançado um certo crédito por descobrir o rapaz que atirara sobre um dos prefeitos uma lata de leite condensado. Havia uma boa porção de sorte nesta descoberta, mas dera-lhe reputação entre seus colegas de professorado e desejava conservá-la. Pode ser que as aulas particulares em Álgebra e Geometria e o esforço na correção das provas estavam diminuindo a sua eficiência. Não obstante, restou o fato amargo de ter sido cada noite logrado por um rapaz astuto, e isto significava que em muitos cantinhos do Colégio o relato de sua derrota era feito com grande alegria e satisfação. Talvez devesse confessar a sua falha aos co-prefeitos, aguentar os seus gracejos e com um pouco de sua ajuda pegar o culpado.

Metendo os braços nas costas, e segurando nas mãos o terço, ele devagar passeava pelos corredores, entre as camas. Estas estavam colocadas em alcovas, com um bidê, um tamborete e um pequeno armário. Uma meia-parede de mais ou menos dois metros de altura formava cada unidade, e uma cortina era puxada através do lado aberto. Feitas numa peça, como os quadrinhos numa forma de gelo, havia desesseis alcovas em cada secção, oito de cada lado. Era fácil para um guri, protegido pela cortina fechada, ficar em pé, sobre a cama, sem ser visto pelo prefeito, e por cima das alcovas, acenar aos amigos.

As cortinas oscilavam quando ele passava — o esvoaçar de sua batina levantava correntes de ar. Os alunos se deitavam em boa ordem; aparentemente tudo estava quieto e sob controle. Em sua secção havia três corredores e calmamente fez as rondas, rezando o terço, e sempre com os sentidos alertas a qualquer irregularidade. O dia fora húmido e frio, e os rapazes ficaram dentro de casa.

O pensamento de os alunos o considerarem um grande "trouxa"

lhe desagradava mas quanto mais tentava sutrair-se a esta impressão, tanto mais insistente ela se tornava. De repente, o ridículo da situação de tal forma se apossou de sua imaginação que ele desistiu dos esforços de rezar. "Talvez eu não seja leal para com o Colégio, pensou, deixando-se levar por esta impressão. Um incidente como este podia crescer; um pouco afrouxar da disciplina podia assumir proporções perniciosas. Afinal de contas, talvez fosse prudente falar com os outros prefeitos sobre o problema. Uma pequena humilhação lembrou-se, fazia bem à alma.

Quando chegou à grande porta que abria para a segunda parte do dormitório, onde seu assistente vigiava, esperou até que este passasse. Com a chave bateu duas vezes no caixilho da porta. Este era o sinal combinado, e ao fim de um ou dois minutos viu-o aproximar-se desde o outro extremo do corredor.

"Os rapazes estão bastante irriquietos esta noite", sussurrou quando o colega mais novo parou a seu lado. "Como vai o seu bando?"

"Oh, meu bando está bastante quieto," replicou. "Estão se deitando bem direitinho."

Os lábios do primeiro prefeito apertaram-se quando lhe pareceu perceber um tom de superioridade na resposta do companheiro.

Durante algum tempo ficaram lado a lado, em silêncio. Depois, o segundo prefeito disse: "Bem, o que é que há? Por que me chamou?"

"Não sei bem como lhe dizer," começou o primeiro prefeito, brincando com o terço nas mãos. "Acho que devia ter falado com o Sr. a respeito disto durante o dia."

"Algo mal?" o mais moço sugeriu franzindo os sobrolhos, com ar de suspeita.

"Sim, há," admitiu o primeiro prefeito, mudando de posição. "Cada noite durante esta semana passada, um rapaz me atingiu com um fusil de água. Enquanto falava, observou o rosto do outro e não gostou do sorriso que encrepou os lábios dele. Esperava uma consideração mais séria do seu problema. "Estou ficando um pouquinho cansado também", acrescentou com ênfase.

"Tem alguma idéia sobre quem lhe atirou?" perguntou o seu companheiro, numa atitude entre séria e respeitosa.

"Não, não tenho", respondeu, e apesar de sua figura herculea, as palavras pareciam vir de um mártir.

"Onde é que ele o apanha?"

"Aqui mesmo. Justamente onde estou agora".

Depois de uma pausa apropriada afim de analisar a situação, o mais moço sugeriu a seguinte estratégia.

"Quando hoje de noite enfraquecermos as luzes", disse, "deixemo-las justamente um pouquinho mais claras do que de costume, de forma que possamos vê-lo melhor. Então irei para a minha alcova e tresperei numa cadeira para olhar



por cima. Quando estiver pronto, o Sr. postar-se-á no seu lugar e eu o observarei".

"Parece-me bom", disse o primeiro prefeito com um aceno de entendimento, e com um astuto piscar de olhos, devagar, voltou para seu posto.

Dez minutos mais tarde, todos os rapazes estavam deitados, e os dois homens caminharam pelos corredores, puxando as correntinhas das lampadas, enfraquecendo-as para a noite, mas, como tinham planejado, deixando-as um tanto mais claras, porém não demais, o que levantaria suspeitas.

As luzes arranjadas, a vítima examinou sua lâmpada elétrica afim de estar certo de seu funcionamento e calmamente dirigiu-se para a porta entre os dois dormitórios. Estava meio excitado. Durante mais de uma semana estivera planejando como deitar as mãos ao rapaz que descarregava seu fusil de água em sua cabeça, e agora, em dois minutos, iria saber. Um sorriso quente e cheio de satisfação assumou nos cantos de sua boca.

Da semi-escuridão surgiu a batina preta do segundo prefeito. "Tudo pronto?" sussurrou.

"Sim. Justamente por este tempo mais ou menos, ele costuma atirar sobre mim. Fique quieto agora, para que ninguém suspeite qualquer coisa".

"Tossirei quando estiver pronto", o mais jovem respondeu e voltou para a escuridão entre as alcovas. As lâmpadas traçaram pálidos riscos no forro amarelo e derramaram uma luz difusa ao longo da parte superior das alcovas.

Depois de poucos segundos ouviu a tosse significativa e com uma certa confiança tomou sua estação no lugar costumado. Calmamente esperava.

Três ou quatro minutos mais tarde seu companheiro reapareceu. "Não vi coisa alguma. Quietude de mosteiro, observou.

Não veiu a resposta de seu amigo. Ele então murmurou de novo: "Quer que volte e espere mais um pouco?"

"Não," disse o prefeito meio desconsolado. "É tarde, agora".

"Tarde demais?"

"Sim. Ele já me deu o banho." ("The Queen's Work")

Lemos na vida do Beato Henrique Suso, O. P., que, num quente dia de verão, sentiu uma sede torturante. Desceu de sua cela para o claustro onde havia uma fonte. Aproximou-se da bacia, repleta de água cristalina, antegozando a frescura do líquido precioso.

Já se inclinava para dessedentar-se, quando lembrou-se de Cristo na cruz. "Ele também não bebeu. Nem eu beberei, agora". E afim de intensificar o sacrifício, fixou mais uma vez o olhar na linfa fresca. Depois voltou com sua sede para a cela.

Os "espíritos fortes" hão de rir-se de tal "falkirismo", desta "autotorra" inútil.

Mas tu, meu amigo, experimenta tais gestos de domínio sobre ti e tua natureza. Hás-de ver como cresce tua força de vontade, como aprendes manter a disciplina no teu corpo e na tua alma. Hás-de perceber como crescem as forças de resistência contra a tentação. Hás-de verificar como ficas homem.

Henrique Suso tornou-se homem perfeito, um santo.

Imita-o!

A ONU e o Arcebispo Beran

In "The Catholic World" (Agosto de 1949), o P. John B. Sheerin, C. S. P., diz à ONU que não pode deixar de tomar uma atitude clara com respeito à sorte do Arcebispo de Praga, depois de se ter desinteressado pelo caso Mindszenty. Pois a ONU não tem vitalidade interna; ela vive graças ao apoio da opinião pública. E esta opinião pública está para perder a paciência.

O articulista continua dizendo: "É um relato triste e sombrio — esta crônica da campanha contra a Igreja naquele país aflito. O plano de ação mostra desagradável semelhança com o esquema de dominação soviética em outros países ocupados.

Os vermelhos aprenderam na mesma Rússia que é impossível exterminar a religião. Por isto resolveram transformar a Igreja Ortodoxa numa igreja títere, pronta a jogar o jogo de Stalin. Afim de transformar a Igreja Católica, na Czechoslovakia, numa igreja títere, seria necessário transformá-la numa igreja nacional, separada de Roma. Como núcleo de tal igreja nacional fundou-se o partido da "Ação Católica." Os inspiradores deste partido foram excomungados por S. S. o Papa Pio XII. — A Igreja viverá muito ainda depois de Beran ter sido torturado ou maltratado com drogas ou morto a pauladas. Mas que será da ONU? Não está em condições de permitir-se muito mais erros."

ÉS ESCRUPULOSO

(Continuação)

Quando começa o pecado? "Agora vem a pergunta da tentação ao pecado mortal. Digamos que uma pintura indecente, mas atraente, perpassa na mente dum homem. Mais tarde, ao se lembrar de ter tido aquele pensamento, pergunta-se se consentiu ou não.

"É a coisa mais clara do mundo; se consentiu, sabe que o fez, e isto é tudo. Ou digamos que ele lutou e disse um vigoroso não; então ele sabe com toda a certeza que não consentiu.

(Continua)